

São Paulo, 06 de fevereiro de 2015.

NOTA À IMPRENSA

Cesta básica aumenta em quase todas as capitais

O conjunto dos gêneros alimentícios registrou alta em 17 das 18 capitais onde o DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos realiza a Pesquisa da Cesta Básica de Alimentos. As maiores elevações foram apuradas em Salvador (11,71%), Aracaju (7,79%), Goiânia (7,48%) e Brasília (7,26%). Manaus foi a única cidade onde foi observada retração (-0,89%).

Em 12 meses - entre fevereiro de 2014 e janeiro último - também houve aumento acumulado do preço da cesta em 17 capitais, com destaque para Aracaju (23,65%), Goiânia (18,22%) e Brasília (16,28%). Manaus também foi a exceção no período, com queda nos preços (-1,66%).

O maior custo da cesta, em janeiro, foi apurado em São Paulo (R\$ 371,22), seguido de Porto Alegre (R\$ 361,11) e Florianópolis (R\$ 360,64). Os menores valores médios foram observados em Aracaju (R\$ 264,84), Natal (R\$ 277,56) e João Pessoa (R\$ 278,73).

Com base no total apurado para a cesta mais cara, a de São Paulo, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e sua família com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em janeiro de 2015, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria equivaler a **R\$ 3.118,62**, 3,96 vezes maior do que o mínimo de R\$ 788,00, que entrou em vigor em 1º de janeiro, conforme definição do Governo Federal. Em dezembro de 2014, o mínimo necessário era menor, equivalendo a R\$ 2.975,55, ou 4,11 vezes o piso então vigente, de R\$ 724,00. Em janeiro de 2014, o valor necessário para atender às despesas de uma família chegava a **R\$ 2.748,22**, 3,80 vezes o salário mínimo então em vigor (R\$ 724,00).

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica
Custo e variação da cesta básica em 18 capitais
Brasil – janeiro de 2015

Capital	Valor da Cesta (R\$)	Variação Mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação Anual (%)
São Paulo	371,22	4,81	51,21	103h38m	14,76
Porto Alegre	361,11	3,60	49,81	100h49m	12,48
Florianópolis	360,64	2,14	49,75	100h41m	11,76
Brasília	353,60	7,26	48,78	98h43m	16,28
Rio de Janeiro	353,51	4,58	48,76	98h42m	13,84
Vitória	348,30	4,55	48,04	97h14m	6,47
Belo Horizonte	337,57	6,81	46,56	94h15m	10,31
Curitiba	335,82	6,33	46,32	93h45m	14,20
Campo Grande	329,58	6,90	45,46	92h01m	14,21
Goiânia	323,73	7,48	44,65	90h23m	18,22
Manaus	317,84	-0,89	43,84	88h44m	-1,66
Belém	310,78	1,02	42,87	86h46m	4,86
Salvador	299,17	11,71	41,27	83h31m	12,53
Recife	290,43	1,41	40,06	81h05m	3,45
Fortaleza	288,99	3,07	39,86	80h41m	5,24
João Pessoa	278,73	2,47	38,45	77h49m	5,51
Natal	277,56	3,29	38,29	77h29m	2,82
Aracaju	264,84	7,79	36,53	73h56m	23,65

Fonte: DIEESE

Cesta x salário mínimo

Com o aumento nominal no valor do salário mínimo de 8,84% a partir de janeiro, para comprar os gêneros alimentícios essenciais, o trabalhador remunerado pelo piso nacional precisou realizar, na média das 18 capitais pesquisadas, jornada de 90 horas e 01 minuto, tempo inferior às 93 horas e 39 minutos exigidas em dezembro de 2014. Em janeiro de 2014, a jornada exigida foi de 88 horas e 48 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu, em janeiro deste ano, 44,47% de seus vencimentos para adquirir os mesmos

produtos que, em dezembro de 2014, demandavam 46,27%. Em janeiro de 2014, o comprometimento do salário mínimo líquido com a compra da cesta equivalia a 43,88%.

Comportamento dos preços¹

Em janeiro, produtos como a carne bovina de primeira, o feijão, o pão francês, o tomate e a batata (pesquisada nas regiões Centro-Sul) tiveram predominância de alta nos preços nas capitais. Já o leite e a farinha de mandioca – cujo preço é acompanhado nas regiões Norte e Nordeste – apresentaram retração de valor na maioria das capitais.

O feijão teve alta em 17 das 18 cidades em janeiro. O tipo preto (pesquisado nas cidades do Sul, no Rio de Janeiro, em Vitória e Brasília) apresentou altas entre 2,27% (Porto Alegre) e 7,59% (Vitória). Brasília mostrou queda de -0,18%. O feijão cariquinha (pesquisado no Norte, Nordeste, em Campo Grande, Goiânia, São Paulo e Belo Horizonte) apresentou elevações em todas as cidades. Os aumentos variaram entre 8,27% em Salvador e 46,21% em Campo Grande. Preços baixos, no momento do plantio, desestimularam os produtores, que reduziram a área plantada. Além disso, o clima – estiagem ou excesso de chuva nas regiões produtoras – também explica a alta no valor do grão. Em 12 meses, o comportamento foi diferenciado. No tipo preto, houve diminuição em todas as cidades, com taxas entre -9,89% em Florianópolis e -2,56% em Curitiba. No tipo cariquinha, houve diminuição do valor em Manaus (-15,15%) e Salvador (-7,63%); nas demais, foram observados aumentos, com os mais expressivos verificados em João Pessoa (33,65%) e Campo Grande (27,71%).

A carne bovina, produto de maior peso na composição da cesta básica, ficou mais cara em 16 das 18 capitais pesquisadas. As altas oscilaram entre 0,19% em João Pessoa e 17,58% em Aracaju. Em Belo Horizonte, o preço da carne não variou e diminuiu em Florianópolis (-3,17%). Na comparação anual, os preços aumentaram nas 18 capitais. As altas mais expressivas foram registradas em: Aracaju (45,08%), Belém (26,89%) e João Pessoa (23,09%). A menor elevação foi anotada em Belo Horizonte (10,17%). Oferta restrita de carne devido aos altos custos de reposição elevou o preço, apesar da pressão dos frigoríficos.

¹ Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab - Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

A batata, pesquisada nas capitais das regiões Centro-Sul, continuou a apresentar taxas elevadas também em janeiro. Entre dezembro e janeiro, os preços subiram 74,90% em Porto Alegre, 73,98% em Curitiba, 70,52% em Campo Grande, 60,70% em Florianópolis, 57,55% no Rio de Janeiro, 52,43% em São Paulo, 49,05% em Brasília, 41,46% em Belo Horizonte, 35,59% em Vitória e 32,59% em Goiânia. Em 12 meses, as altas variaram entre 42,86% em Vitória e 100,87% em Porto Alegre.

O pão francês encareceu em 14 capitais em janeiro. As variações oscilaram entre 0,12% em Curitiba e 2,06% em Campo Grande. O preço do bem ficou estável em Manaus e diminuiu em Salvador (-1,52%), Natal (-1,42%) e Brasília (-0,56). Na comparação anual, o pão francês ficou mais caro em todas as capitais; e os maiores aumentos foram registrados em Aracaju (24,02%) e Fortaleza (10,30%). A menor elevação ocorreu em Salvador (0,13%). A baixa qualidade do trigo colhido na última safra e a comercialização lenta do grão elevaram o preço do trigo, um dos insumos do pão. Além disso, outros custos vêm pressionando o preço do bem – como as tarifas públicas.

O tomate mostrou aumento em 12 cidades, com destaque para as taxas de Belo Horizonte (39,93%) e Salvador (30,32%). O preço do item ficou estável em João Pessoa e diminuiu em cinco capitais. E as maiores quedas foram registradas em Porto Alegre (-9,11%) e Natal (-6,79%). Em 12 meses, o tomate apresentou queda em cinco cidades e alta em 13, com destaque para Curitiba (40,47%), Rio de Janeiro (38,52%), Florianópolis (35,79%) e Goiânia (34,80%). Calor e seca explicam a alta de preços do tomate.

Em janeiro, o preço do leite recuou em 15 das 18 cidades pesquisadas, com as maiores quedas verificadas em Goiânia (-8,57%), Belém (-7,48%), Florianópolis (-5,71%) e Curitiba (-5,34%). As altas aconteceram em Natal (3,24%), Brasília (2,59%) e Aracaju (0,48%). Além de ser período de safra, quando há elevação da oferta, houve diminuição no consumo, o que influenciou os preços para baixo. Em 12 meses, o preço do leite acumulou altas em oito cidades, que variaram entre 0,35% em São Paulo e 6,95% em Brasília. As retrações mais expressivas foram registradas em Belém (-7,76%), Salvador (-5,03%), Recife (-4,57%) e Fortaleza (-3,10%).

Os preços da farinha de mandioca diminuíram em seis das oito cidades do Norte e Nordeste, onde é pesquisada. As reduções oscilaram entre -10,27% em Natal e -0,48% em Belém. As únicas altas foram anotadas em Fortaleza (1,83%) e Manaus (2,00%). Em 12 meses, todas as capitais tiveram diminuição, com destaque para a variação de -39,20% em Manaus e -36,88% em Natal. Excesso de oferta explica a redução do preço da mandioca, principal insumo da farinha.

Tabela 2
Varição mensal do gasto por produto
Janeiro de 2015

Produtos	Centro-Oeste			Sudeste				Sul			Norte/Nordeste							
	Brasília	Campo Grande	Goiânia	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Vitória	Curitiba	Florianópolis	Porto Alegre	Aracaju	Belém	Fortaleza	João Pessoa	Manaus	Natal	Recife	Salvador
Total da Cesta	7,26	6,90	7,48	6,81	4,58	4,81	4,55	6,33	2,14	3,60	7,79	1,02	3,07	2,47	-0,89	3,29	1,41	11,71
Carne	9,05	1,55	5,23	0,00	2,55	1,44	0,64	1,58	-3,17	4,30	17,58	0,55	3,39	0,19	1,90	6,36	0,20	10,94
Leite	2,58	-4,63	-8,57	-2,82	-2,14	-2,86	-4,59	-5,34	-5,71	-4,10	0,48	-7,48	-1,75	-0,67	-0,33	3,24	-3,99	-2,41
Feijão	-0,18	46,21	27,79	27,13	3,26	24,53	7,59	3,26	4,87	2,27	12,79	23,65	29,90	32,62	16,42	17,97	28,63	8,27
Arroz	2,70	-0,45	3,86	2,02	1,86	0,75	0,00	-2,81	4,78	0,43	1,74	1,35	0,44	1,23	-1,85	0,00	-2,45	22,72
Farinha	-3,78	-6,06	0,47	-0,91	0,44	-0,66	0,00	0,93	-2,71	-1,52	-8,72	-0,48	1,83	-2,72	2,00	-10,27	-0,72	-8,39
Batata	49,05	70,52	32,59	41,46	57,55	52,43	35,59	73,98	60,70	74,90								
Tomate	14,77	15,18	24,30	39,93	9,54	5,62	21,56	7,76	7,29	-9,11	-2,78	0,79	2,08	0,00	-5,77	-6,79	-0,73	30,32
Pão	-0,56	2,06	0,21	0,53	0,79	1,03	0,57	0,12	1,28	0,79	2,03	0,62	0,48	1,27	0,00	-1,42	0,13	-1,52
Café	0,23	-1,47	-0,11	-0,45	1,26	0,00	-3,91	0,00	3,11	0,73	-8,02	0,00	-0,68	0,00	1,14	4,29	0,66	7,01
Banana	-5,84	-4,50	9,15	-3,53	0,80	-0,57	7,83	25,75	-3,33	-10,07	0,59	0,17	2,02	4,90	-7,74	9,38	-3,33	44,57
Açúcar	0,38	2,50	-0,68	5,30	0,00	2,81	1,95	-1,13	3,45	4,65	29,25	-1,98	-2,78	-1,23	2,20	1,18	-5,17	13,33
Óleo	2,94	1,60	-0,78	5,02	3,10	0,74	5,00	-0,33	2,35	1,31	2,36	-1,28	0,99	1,63	2,89	1,63	0,65	15,87
Manteiga	1,61	-0,54	1,92	0,07	1,01	-0,47	6,41	-0,15	-1,27	6,22	10,64	0,64	-0,37	-0,41	-2,29	2,25	6,44	1,24

Fonte: DIEESE. Pesquisa Nacional da Cesta Básica

Obs.: Podem ocorrer pequenas diferenças nas variações em relação ao texto, pois os dados desta tabela derivam do cálculo resultante do preço dos produtos multiplicado pelas quantidades estabelecidas na cesta

São Paulo

Na capital paulista, a cesta básica custou, em janeiro, R\$ 371,22, a mais cara entre as 18 pesquisadas pelo DIEESE. Em relação a dezembro de 2014, houve elevação de 4,81% nos preços dos produtos essenciais. Na comparação com janeiro de 2014, o aumento foi de 14,76%.

Três produtos da cesta paulistana apresentaram elevação superior a taxa média da cesta (4,81%): batata (52,43%), feijão carioca (24,53%) e tomate (5,62%). Outros cinco tiveram aumentos inferiores: açúcar refinado (2,81%), carne bovina de primeira (1,44%), pão francês (1,03%), arroz agulhinha (0,75%) e óleo de soja (0,74%). Houve redução no preço do leite integral (-2,86%), farinha de trigo (-0,66%), banana (-0,57%) e manteiga (-0,47%). Já a cotação do café em pó não variou.

Na comparação anual, 11 produtos apresentaram elevação. Batata (61,99%), feijão (23,87%), tomate (22,38%) e carne bovina de primeira (17,30%) apresentaram altas superiores à variação média anual da cesta (14,76%). Já a banana nanica (11,80%), arroz agulhinha (7,66%), café em pó (6,68%), pão francês (5,25%), farinha de trigo (2,49%), manteiga (2,23%) e leite (0,35%) tiveram elevações inferiores. Apenas o açúcar (-1,08%) e o óleo de soja (-2,87%) mostraram redução nos preços.

O trabalhador paulistano cuja remuneração equivale ao salário mínimo necessitou cumprir, em janeiro, jornada de 103 horas e 38 minutos para comprar os mesmos produtos que, em dezembro de 2014, exigiam a realização de 107 horas e 38 minutos. Esta redução é consequência da entrada em vigor do novo valor salário mínimo, cuja alta (8,84%) é maior que a variação mensal do custo da cesta. Em janeiro de 2014, o tempo de trabalho necessário para a aquisição da cesta era de 98 horas e 18 minutos.

Em janeiro, o custo da cesta em São Paulo comprometeu 51,21% do salário mínimo líquido, isto é, após os descontos previdenciários. Em dezembro, o percentual exigido era de 53,18%. Em janeiro de 2014, a parcela necessária para compra dos gêneros alimentícios totalizou 48,56%.